

**PARALELOS ENTRE UTOPIA E DISTOPIA NA FICÇÃO:
ANÁLISE FÍLMICA NO CASO O DOADOR DE MEMÓRIAS**

*COMPARISONS BETWEEN UTOPIA AND DYSTOPIA IN FICTION:
FILM ANALYSIS OF THE GIVER*

*PARALELOS ENTRE UTOPIA Y DISTOPIA EN LA FICCIÓN:
ANÁLISIS FÍLMICO EN EL CASO THE GIVER*

Cristiano Max Pereira Pinheiro¹ (0046003@feevale.br)

André Conti Silva¹ (maxrs@feevale.br)

Mauricio Barth¹ (mauricio@feevale.br)

Tiago Schallenberger¹ (maxrs@feevale.br)

¹Universidade Feevale – Novo Hamburgo (RS)

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar como a construção do universo ficcional audiovisual distópico se apropria do panorama sociocultural contemporâneo. Assim, buscou-se a compreensão da conceituação de utopia e distopia dentro do universo ficcional, paralelos entre ficção e realidade com uma lente distópica e fez-se, também, a análise do filme O Doador de Memórias. Os resultados apontam que há uma conexão entre macro e microambiente e que os itens insignificantes presentes no microambiente sempre fazem referência ao macroambiente.

Palavras-chave: Distopia, Sociedade Contemporânea, Ficção, Universo Ficcional, O Doador de Memórias.

Abstract

The objective of this study is to analyze how the construction of audiovisual dystopian fictional universe appropriates the contemporary socio-cultural panorama. Thus, it was sought to understand utopia and dystopia concepts within the fictional universe, parallel between fiction and reality with a dystopian lens and there was also a screening of the film The Giver. The results show that there is a connection between macro and microenvironment and the insignificant items present in the microenvironment always refer to the macro environment.

Keywords: Dystopia, Contemporary society, Fiction, Fictional universe, The Giver.

Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar cómo la construcción del universo ficcional audiovisual distópico se apropria del panorama sociocultural contemporáneo. Así, se buscó la comprensión de la conceptualización de utopía y distopía dentro del universo ficcional, paralelos entre ficción y realidad con una lente distópica y se hizo también el análisis de la película El Donante de Memorias. Los resultados apuntan que hay una conexión entre macro y microambiente y que los ítems insignificantes presentes en el microambiente siempre hacen referencia al macroambiente.

Palabras clave: Distopia, Sociedad Contemporánea, la ficción, Universo Ficcional, The Giver.

Introdução

O cinema é um mercado em constante expansão e, ainda hoje, depois de décadas de existência, muito promissor. Cada vez mais difundido na sociedade, é possível dizer que hoje em dia todos os indivíduos têm acesso e conhecem os filmes. Grande parte de sua receita se

concentra em filmes de ficção e, para construção de suas narrativas, são criados verdadeiros universos ficcionais, que conectam e aumentam o poder de persuasão das histórias. O tempo trouxe mudanças e aperfeiçoamentos ao meio, que cada vez busca se aproximar mais do espectador.

Partindo dessa premissa, percebeu-se um grande número de obras distópicas no cinema contemporâneo. São histórias de futuros alarmantes que têm feito imenso sucesso na literatura e, também, nas grandes telas. Tais narrativas imaginárias são criadas exacerbando elementos do presente e mesclando-os com itens tradicionalmente presentes nas distopias.

No contexto contemporâneo, muitas das produções trazem traços distópicos em suas histórias, desde livros, filmes, séries a histórias em quadrinhos. Esse tema é abordado como uma crítica à própria sociedade, mas de maneira sutil, trazendo essa conexão entre ficção e realidade.

Sendo assim, o tema deste trabalho é a distopia e, buscando traçar paralelos entre ficção e realidade, o objeto de estudo escolhido para tal análise é o filme *O Doador de Memórias*, de 2014, que teve a direção de Phillip Noyce. O filme foi escolhido por ter sido baseado em um livro de 1993, havendo, assim, um distanciamento do contexto cultural e social daquele momento e, dessa forma, uma maior possibilidade de análise. Além disso, a obra também se caracteriza como uma narrativa distópica e faz parte da onda de filmes distópicos que surgiram nos anos 2000, como *Jogos Vorazes* e *Divergente*.

É possível dizer que este estudo se mostra relevante tanto para o meio acadêmico quanto para o meio profissional, porque, a partir dele, é possível conhecer e ampliar técnicas produtivas de obras ficcionais, especialmente as distópicas, a construção de seus universos ficcionais e a sociedade contemporânea. TRECHO PARECE INCOMPLETO.

Tendo como objetivo analisar a construção do universo ficcional audiovisual distópico, a pesquisa se apropria do panorama sociocultural contemporâneo, buscando paralelos entre a sociedade contemporânea e o filme *O Doador de Memórias*.

Dessa forma, na primeira seção apresentam-se conceitos de utopia e distopia dentro da ficção, através de um apanhado de obras distópicas e o panorama da distopia contemporânea. Assim, esta seção tem a função de introduzir o assunto aos leitores e buscar referências com o passado.

Para a análise do filme, na segunda seção, separou-se o universo ficcional em macro e microambiente para, depois, se efetuar a análise das cenas a partir das premissas elencadas. Ao final da investigação, foi possível verificar que o microambiente, através dos elementos insignificantes, faz referência ao macroambiente em que está inserido.

1 Utopia e distopia na ficção

Existe uma necessidade inerente dentro do homem de sonhar, de criar seu próprio mundo, sua realidade. Platão afirma que “é nos sonhos que o fato se torna evidente” (2000, p. 413). Desse pensamento se desenvolvem sonhos utópicos, mas fantasiosos de uma sociedade ideal.

“Logo, o homem cria o próprio mundo e, ao fazer isso, realiza suas próprias potencialidades, ou seja, o mundo existe para uma dada pessoa como sua própria descoberta do mundo” (RIBEIRO, 2012, p. 58). Se há a utopia, há também a distopia com previsões de um futuro ruim. Para compreender a distopia, o assunto deste trabalho, é necessário entender um mais a fundo ao conceito de utopia:

Termo criado por Thomas Morus em sua obra Utopia (1516), significando literalmente “lugar nenhum” (greg. ou: negação, topos: lugar.) para designar uma ilha perfeita onde existiria uma sociedade imaginária na qual todos cidadãos seriam iguais e viveriam em harmonia. A alegoria de Thomas Morus serviu de contraponto através do qual ele criticou a sociedade de sua época, formulando um ideal perfeito político-social inspirados nos princípios do humanismo renascentista (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 274).

Nesse sentido, a utopia pode ser considerada uma ideia ou um sonho ainda não realizado, uma projeção de um futuro distante. Um lugar perfeito, onde as dificuldades e os problemas não existem. “Já a distopia se caracteriza como antônimo perfeito ao reconfigurar uma utopia como sendo o lugar ou estado imaginário onde as condições de vida são lamentáveis por conta da privação, opressão ou terror” (CORREA, 2009, p. 11). Assim, a distopia acaba por se mostrar falível. Intimamente conectada a sociedade atual, a distopia seria uma realidade negativa, onde a humanidade seria controlada por um regime autoritário e que teria a tecnologia como uma ferramenta de domínio.

A origem do termo distopia é grega, formado por “*dys*”, que significa “mau, ruim”, e pelo radical “*topos*”, que significa “lugar” (MASSAUD, 2004, p. 129), ou seja, lugar ruim. É uma previsão sombria de um futuro. Caracteriza-se por um tipo de consciência da realidade: “porque a constituição da realidade na consciência não é outra coisa que a reconstrução da construção real” (LUCCHI, 1999, p. 389), em que não existe um mundo melhor, mas apenas um lugar onde as características ruins já existentes são reforçadas. Elas “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós-medieval” (FROMM, 2009, p. 269).

Geralmente a distopia é encontrada em histórias e filmes de ficção. As narrativas são imaginárias: “consequentemente, a imaginação criadora, distinta daquela que se atém ao registro passivo da percepção, reproduzindo-a, revela-se como poder maximizado de inventividade” (PAIVA, 2005, p. 129). Sendo assim, são histórias irreais, criadas a partir do pensamento do autor e de suas vivências.

Transpondo os limites da realidade através da ficção, o ser humano cria seu mundo perfeito, sua utopia e faz dela sua caminhada, como afirma Galeano: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar” (GALEANO, 1994, p. 310).

A utopia omite e não aceita a sua realidade e “desta maneira, procura superar a realidade contingente propondo, como alternativa, uma sociedade perfeita enquanto racionalmente fundada” (BERRIEL, 2005). Dessa forma, os elementos dela não são completamente irreais, mas retirados do cotidiano, da própria realidade e transportados a um lugar indefinido.

Já a distopia apresenta uma proximidade com a realidade, sempre com um sentido negativo, buscando de certa forma uma reflexão:

Começas a distinguir que tipo de mundo estamos criando? É exatamente o contrário das estúpidas utopias hedonísticas que os antigos reformadores imaginavam. Um mundo de medo, traição e tormento, um mundo mais impiedoso, à medida que se refina. O progresso em nosso mundo será o progresso no sentido de maior dor (ORWELL, 1984, p. 247).

Criando uma sensação sufocante e inquietante, a distopia exclui algumas interpretações humorísticas e deixa o pessimismo se sobressair. Assim, ela acaba sendo um alerta para os perigos que estão por vir. “Toda sua obra pode ser compreendida como uma espécie de ‘aviso de incêndio’ dirigido a seus contemporâneos, um sino que repica e busca chamar a atenção sobre os perigos iminentes que os ameaçam, sobre as novas catástrofes que se perfilam no horizonte” (LÖWY, 2005, p. 32).

Para compreender melhor o conceito de distopia e como ele se manifesta na ficção, foi feito um levantamento empírico de obras literárias e dos filmes do gênero. A seguir, se apresentam algumas delas com resumos de seus enredos e a relação com o momento pelo qual a sociedade passava na época. Por fim, acredita-se que a partir deste apanhado será possível identificar características comuns ao gênero.

1.1 Obras distópicas

Considera-se o lançamento do livro *The Time Machine*, em 1895, como um novo gênero de literatura: o distópico. O livro foi escrito por Herbert George Wells durante a Segunda Revolução Industrial. Naquele contexto, a Inglaterra já se organizava em torno de uma economia capitalista em que os ricos faziam ainda mais dinheiro e os pobres eram trabalhadores de fábricas assalariados, sem prospecções de futuro.

Surgindo como uma crítica ao capitalismo, já que Wells era socialista (BAUMAN, 2005, p. 42), o livro em uma primeira análise aparenta ser uma simples história de viagem no tempo, gênero em que Wells foi um dos pioneiros. Mas nele podem-se perceber vários traços distópicos, que são usados até hoje, como a evolução da sociedade para pior. O livro conta a história de um cientista que cria uma máquina do tempo e, para testá-la, resolve viajar para o futuro, especificamente para o ano de 802.701. Chegando lá encontra uma sociedade dividida, na qual os Morlocks, que vivem no subterrâneo, se alimentam dos Elóis, que vivem aparentemente em um mundo paradisíaco. Tanto Morlocks quanto Elóis são descendentes de humanos, mas todo conhecimento que havia sido adquirido pela evolução é perdido e eles se tornam seres primitivos.

A sociedade se torna um lugar onde as diferenças são esmagadas, não havendo espaço para individualidades nem famílias organizadas como tal.

O livro teve duas adaptações para o cinema, uma em 1960, quando foi dirigido por George Pal, e outra em 2002, quando dirigido por Simon Wells. Tal fato mostra a universalidade e a atemporalidade desse tipo de história.

Um dos expoentes do cinema distópico é o filme alemão *Metrópolis*, do cineasta austríaco Fritz Lang. Lançado em 1926, foi um marco do expressionismo alemão (TURNER, 1988, p. 145), contando uma história futurista de uma sociedade dividida entre duas classes distintas. Os operários são escravizados pelas máquinas, trabalhando abaixo da superfície na Cidade dos Trabalhadores. Já os poderosos vivem na superfície, onde existe o Jardim dos Prazeres, destinado à classe privilegiada. A cidade é governada por Joh Fredersen, um frio capitalista.

São plausíveis de percepção as premissas distópicas presentes na história. Desde um governo opressor sem preocupações com a sociedade ou o bem-estar do indivíduo, apenas em benefício próprio até uma sociedade dividida em castas, uma visão ruim de futuro e as máquinas como ferramentas de opressão. É interessante perceber que por volta de 1933 “Com a ascensão do nazismo, o Expressionismo foi banido da Alemanha por ser considerada uma forma de ‘arte degenerada’ (*Entartete Kunst*)” (SILVA; MEDEIROS; VIANA, 2004).

Fritz Lang viveu um período conturbado da história na Alemanha, pouco antes do Nazismo emergir. “A entrega do poder a Hitler, em 30 de janeiro de 1934, foi o pior resultado possível da crise irreversível da democracia de Weimar” (KERSHAN, 1991, p. 60). De certa forma, as premissas de *Metrópolis* talvez estivessem muito mais próximas da realidade do que Lang pudesse imaginar.

Já no livro “*Admirável Mundo Novo*” (1932) do autor Aldous Leonard Huxley, a sociedade se torna extremamente científica, as crianças são criadas biologicamente e a sociedade é regida através de regras morais. Percebem-se traços da história de Wells, como a abolição do conceito de família. Mas existem novos conceitos, como a tentativa de não haver poder crítico ou informação, pois os bebês são intimidados a sentirem medo de tocarem em livros, ou seja, quem não questiona não reclama. Um regime autoritário somado ao uso da tecnologia faz as pessoas acreditarem que estão em uma utopia, quando o que acontece é totalmente o contrário.

Os aspectos de futuro de Huxley ainda hoje não ocorreram, porém diferente da maioria dos escritores da época, como o inglês Henry Graham Greene, autor do livro “*O expresso do Oriente*”, que teve sua trama centrada nas pessoas, destacou as aparências negativas que a tecnologia poderia trazer à vida das pessoas. O equilíbrio ao qual a sociedade estaria vivenciando, segundo o livro, faz as preocupações sumirem, mas também o senso crítico, o questionamento. É uma obra que nos faz refletir sobre os ideais perfeitos.

O livro ainda faz uma alusão sátira a Henry Ford (1863-1947), pois a história se passa no ano de 2500, precisamente “no ano 600 da Era Fordiana”. A linha de produção, criada por Ford,

segundo Chiavaneto: “uma das decorrências do estudo dos tempos e movimentos foi a divisão do trabalho e a especialização do operário a fim de elevar sua produtividade. Com isso, cada operário passou a ser especializado na execução de uma única tarefa para ajustar-se aos padrões descritos e às normas de desempenho definidas pelo método” (2003, p. 59). Ou seja, esse método transformou os trabalhadores em algo inferior às máquinas, sendo facilmente descartáveis e substituíveis.

O livro também foi parar nas telas do cinema em 1980 e 1998. O primeiro filme foi dirigido por Burt Brinckerhoff e o segundo por Leslie Libman e Larry Williams.

Outro clássico da literatura distópica, *1984*, do autor britânico George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi escrito em 1948 e publicado em 1949. O livro obteve grande sucesso: foi traduzido para vários idiomas, teve adaptações para o cinema, uma em 1956, sendo dirigido por Michael Anderson, e outra em 1984, sendo dirigido por Michael Radford. Narrado em terceira pessoa, a trama é centrada na história de Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade, que tem como função reescrever e alterar dados de acordo com o interesse do Partido. Em determinado momento Winston passa a questionar-se sobre a opressão que o Partido exercia sobre a sociedade. Se alguém pensasse diferente era capturado e sumia.

Nele pode-se perceber a necessidade que o governo tem de fiscalizar e controlar a sociedade, outra grande premissa da distopia. De fato, o livro mostra-se uma metáfora das sociedades modernas e das formas de governo. É interessante lembrar que Stalin, Hitler e Churchill podem ter sido figuras que inspiraram Orwell a escrever o livro e talvez ele fosse uma espécie de aviso aos seus contemporâneos e às gerações futuras dos perigos que os cercavam.

Percebe-se que na maioria das vezes, essas histórias são protagonizadas por indivíduos cientes de sua realidade, mas mergulhados em uma ignorância geral. Ocorrem em tempos que ainda estão por vir, mas muito próximos de chegar e até por isso a aparente inversão entre datas com o nome do livro, que foi escrito em 1948, foi a forma encontrada para dizer que a distopia descrita não era uma ameaça tão longínqua.

No livro *Laranja Mecânica*, publicado em 1962 por Anthony Burgess, a mudança de comportamento da sociedade é levada ao extremo e a visão de futuro é apavorante. O protagonista Alex, um anti-herói, luta para sentir-se vivo dentro de uma sociedade corrupta e que ele não compreende. A única coisa que o faz sentir algo, dentro desse mundo cada vez mais robótico, é cometer crimes, exagerar em suas ações. O diretor Stanley Kubrick percebeu o potencial da história e a adaptou, em 1971, para o cinema.

O governo corrupto da história, usando o protagonista como cobaia do experimento Ludovico, tenta controlar aqueles que ameaçam perturbar a sua ordem. E com essas ações, acabam com o poder de escolha dos indivíduos. Assim, segundo Ribeiro, “Nós estamos prisioneiros no mundo sensível, mas não temos consciência desta nossa situação. Isto porque

nascemos dentro dela e não temos condição de compará-la com uma realidade diferente” (1988, p. 35).

É comum que no período da adolescência, assim como Alex, haja uma luta para se encontrar em mundo que tende a moldar o indivíduo para caber em suas necessidades. E talvez por isso, as histórias distópicas tenham cada vez mais sucesso dentro da nossa sociedade. Elas são um choque de realidade.

O que está por trás da ficção literária distópica acaba por ser uma crítica à sociedade e a política. É uma maneira de encarar uma realidade que nem sempre é agradável. A sociedade vive em um momento em que “se defronta com o problema da distinção entre o real e o imaginário” (SPANIOL, 1989, p. 27), em que já não sabe diferenciar o que é real do que é imaginário, um momento de transição, no qual a tecnologia traz dúvidas sobre o que realmente é verdadeiro. Assim, a partir da exacerbação de elementos, a distopia revela aquilo que às vezes está perto demais para perceber. Acredita-se que, tendo a história criado essa distância, se visualiza a condição humana.

Quando a distopia descobre o cinema, ou então, o cinema descobre a distopia, todas aquelas histórias que já encantavam nos livros ganham outra dimensão. Se no início, apenas com palavras já se via tamanho sucesso, ao se tornar visual, e dessa forma muito mais palpável para algumas pessoas, o sucesso seria garantido. A literatura distópica é fascinante, no entanto, não é de fácil compreensão. Existe a possibilidade de o leitor não compreender os conceitos, os ideais das histórias e, assim, não gostar do conteúdo. “Em grande número de situações, o ato da leitura depende da superação de um tipo especial de obstáculo, o da dificuldade causada pelo modo de construção do texto, sobretudo por seu nível de informatividade” (REZENDE, 2007, p. 53). Apresentam-se a seguir algumas obras cinematográficas distópicas construídas no atual contexto social.

1.2 Panorama da distopia contemporânea

Por sua proximidade com a sociedade, com os conflitos sociais, com o governo, a distopia é um assunto que parece fazer parte do cotidiano. Já não existem sonhos utópicos de um mundo perfeito, mas realidades distópicas de futuros alarmantes. Em autores como Ribeiro, pode-se observar que as organizações apresentam ensinamentos pretensiosos, para moldar o pensamento e fazer a sociedade acreditar no que julga ser certo. “Será que o ensinamento que se transmite através de instituições – como escola, família, religião, política, meios de comunicação – não estaria cheio de sombras (preconceitos, mentira, ideologia) com pretensão a serem realidade?” (RIBEIRO, 1988, p. 35).

É necessário reforçar que a produção ficcional – cinema ou literatura – tem forte conexão com o cenário social, cultural e político no qual o autor está inserido. Este último aspecto, a política, parece ter papel preponderante na construção das narrativas: os universos distópicos estão invariavelmente conectados a situações políticas de privação da liberdade.

Paralelamente no cinema atual, é possível perceber um grande número de produções distópicas. Jogos Vorazes é uma série de filmes, que iniciaram em 2012, e que tratam exatamente de uma sociedade distópica. O primeiro filme se encontra na lista dos 100 filmes de maior bilheteria da história e teve lucros de US\$ 408.010.692. Ele nos apresenta Panem, um “país” localizado na América do Norte e que surgiu após guerras e desastres naturais devastarem a terra. Esse país é dividido por Distritos, os quais, após perderem a guerra para a Capital, são obrigados a participarem dos Jogos Vorazes. Há todos os elementos básicos da distopia presentes, como a opressão causada pela capital, o controle dos recursos e a tecnologia.

Nessa mesma linha, porém um pouco mais antigo, Mad Max (1979) se passa em um futuro não muito distante no qual a lei e a ordem começam a ruir. Um mundo árido e pós-apocalíptico é apresentado, onde homens vivem sem leis, em uma luta constante pela sobrevivência. O primeiro filme não foi um sucesso de bilheteria, até pela sua época de lançamento, lucrando cerca de US\$ 8.750. Porém, analisando-se o filme lançado em 2015, Mad Max: Estrada da Fúria, percebe-se a força dos filmes distópicos, pois este lucrou US\$ 152.795.590.

Semelhante a Jogos Vorazes, há o filme Divergente (2014), que segue a mesma linha distópica, mas que não obteve o mesmo sucesso comercial, tendo obtido US\$ 150.947.895 de lucro. O filme se passa em uma futurista cidade de Chicago (EUA), onde a personagem Beatrice, ao completar 16 anos, precisa escolher uma das cinco facções existentes para seguir sua vida. Sem conseguir concluir em qual delas se encaixa, ela se torna uma divergente.¹

A lista de filmes distópicos é extensa e, ao que tudo indica, tende a aumentar ainda mais. Todas as histórias sugerem que a sociedade precisa de uma cota de caos, imprevisibilidade e desordem. O universo sempre nos aparece como um coquetel espantoso de ordem e desordem (MORIN, 2003). Há aqui a base da entropia, que é o nível de desordem que existe em um sistema. Segundo Ferguson (2011), a desordem sempre aumenta, mas nunca diminui. É preciso questionar e analisar as realidades e ter capacidade de opinar sobre elas. Nem sempre o que parece ser perfeito realmente o é.

Assim, a distopia se utiliza de conceitos da realidade para construir as suas narrativas, fazendo uma referência ao panorama sociocultural em que foi criada. Dessa forma, pode-se imaginar que ela não trata de um futuro, mas evidencia as falhas da sociedade atual. Para se poder compreender tal situação, a seguir se apresentam traços sociais contemporâneos.

2 Análise fílmica

Lançado em 2014, o filme O Doador de Memórias (The Giver), dirigido por Phillip Noyce, segue a linha distópica, tem como país de origem os Estados Unidos e seu gênero pode ser classificado como ficção científica e drama. O filme O Doador de Memórias possui 97 minutos de duração e, para se efetuar a análise, primeiramente, o macroambiente e o microambiente foram

¹ Dados de lucros dos filmes disponíveis em: <<http://www.boxofficemojo.com>>. Acesso em: 23 ago. 15.

considerados, para assim se analisar o universo ficcional. Em seguida, o microambiente foi decomposto e após foram escolhidas cenas em que existam elementos que parecem não fazer parte da situação, através dos conceitos de Barthes (2004) e o efeito de realidade. A literatura dá espaço para a discussão das narrativas e da criação de personagens, enquanto os elementos necessários para a construção de universos ficcionais ainda é algo em aberto do ponto de vista teórico.

No filme a relação entre macroambiente e microambiente encontra paralelos entre presente e futuro. Se se partir do pressuposto que a história se passa neste mundo, no planeta terra, o macroambiente pode ser o presente real, o atual momento da sociedade, enquanto o microambiente pode estar inserido no futuro e aquilo que a sociedade poderá tornar-se. A relação de tempo é inversa, pois primeiro é visto o futuro para depois chegar ao presente. Como se fosse necessário compreender tudo aquilo que pode acontecer, para se dar atenção àquilo que está acontecendo. A seguir, tais pressupostos terão maior fundamentação e facilidade de compreensão.

2.1 Macroambiente

No filme O Doador de Memórias, o macroambiente é formado por várias comunidades, mas só existem informações a respeito de uma. Os personagens o citam como um local que está em total caos e desordem, em ruínas. Ele possui os elementos que foram erradicados das comunidades, como montanhas, desertos, rios, tempestades e pode-se vê-lo quando o personagem Jonas atravessa a fronteira das memórias.

Figura 1 - Uma das primeiras cenas do macroambiente



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

Figura 2 - Cena em que o personagem Jonas fala da ruína



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

O filme não deixa claro, mas ao que tudo indica, o macroambiente se refere ao mundo real, porque ao final do filme, depois de ultrapassar a fronteira das memórias, Jonas chega a uma casa parecida com as da atual sociedade e ela está com decoração natalina. Essa decoração remete-se à sociedade contemporânea, porque são símbolos conhecidos pelos indivíduos. É como se a narrativa quisesse indicar que sociedade já estivesse, ou então, teria grandes chances de estar à ruína. É o pressuposto de que a distopia não cria realidades, mas retrata o que está acontecendo.

Figura 3 - Jonas chega à casa com decoração natalina

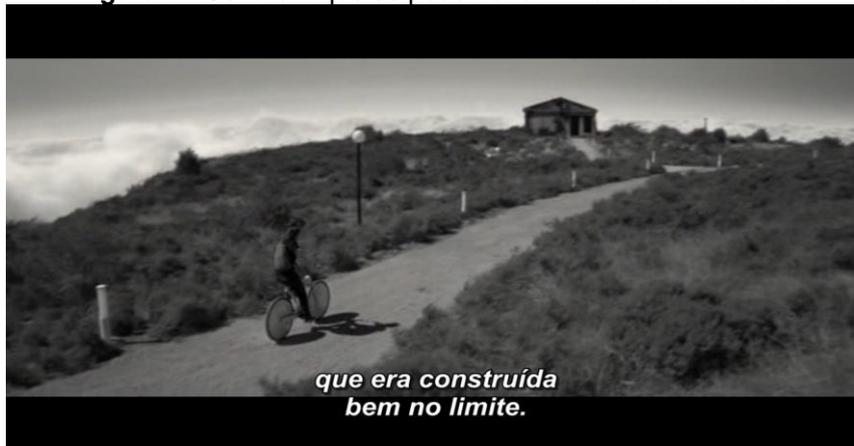


Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

Essa falta de maiores informações sobre o macroambiente instiga o espectador a buscar referências com a sociedade contemporânea. Talvez ele já soubesse da realidade que está além do limite proposto à comunidade, não sendo necessários maiores detalhes. Como se aquele ambiente já fosse natural ao espectador.

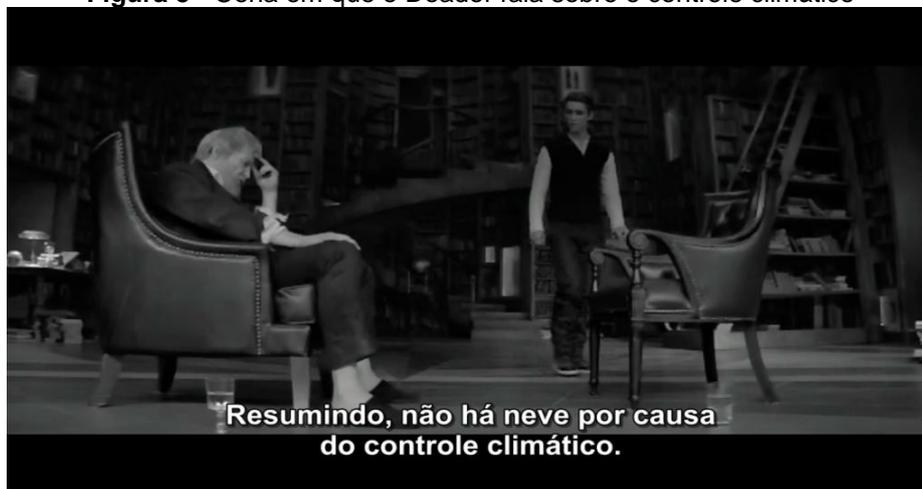
2.2 Microambiente

As comunidades se formaram a partir da ruína do macroambiente. O local em que o filme apresenta sua narrativa é pequeno e bonito. Percebe-se a atenção na construção, na arquitetura, para que tudo esteja na mais perfeita harmonia. O lugar é protegido pelo “limite”, termo utilizado no filme como, em um sentido denotativo, o limite da comunidade, até a beirada física do lugar. Em sentido conotativo, pode-se interpretar que o limite é uma forma de reger a sociedade, seguindo aquilo que o governo acha correto.

Figura 4 - Cena em que se pode ver o limite da comunidade

Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

Os indivíduos são todos de apenas uma etnia, raça e cor, ou seja, há o princípio da eugenia, de seleção de genes. O clima do lugar é controlado para que não haja perdas na agricultura, porque, se os agricultores não trabalhassem, as pessoas não teriam o que comer e assim haveria fome, morte e escassez. Assim tudo parece estar em equilíbrio, como toda a sociedade. Essa nova sociedade não possui memórias do passado e, por isso, acha que vive em uma utopia.

Figura 5 - Cena em que o Doador fala sobre o controle climático

Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

A total planície do lugar é um reflexo social, não existe espaço para imperfeições, para ser diferente: tudo deve ser uniforme. Não existe desigualdade física do lugar, assim como não existem desigualdades dentro da sociedade. Bauman (2001, p. 87) expõe que uma das características das utopias modernas era deixar tudo claro e uniforme, para não haver espaços para hesitação ou incerteza. Pode-se aplicar tal pensamento sobre essa narrativa distópica também. A sociedade passa a ser, assim como todo o ambiente, artificial.

Figura 6 - Imagem do microambiente que o filme se passa

Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

A falta de memórias do passado encontra paralelos no pensamento de Bauman (2001), que expõe que a desconstrução do passado é mais importante que criar novos valores, ou seja, essa falta de conhecimento é um ponto crucial na construção desse universo ficcional distópico. Dessa forma, os indivíduos na narrativa não questionam e acham que vivem em um mundo perfeito.

Dentro do microambiente, há importantes itens a serem levados em consideração, como o aspecto físico do lugar, a organização da sociedade e da política, a economia, a tecnologia e a religião. São itens que validam o conceito de construção do universo ficcional e da narrativa.

2.2.1 Política

O governo é composto por anciões e uma Anciã-Chefe, que controla e comanda todas as ações. Os anciões também não possuem memórias do passado e são, de certa forma, também vítimas daquele modelo de sociedade. A única que conhece em partes o passado é a Anciã-Chefe, mas não tem a percepção, o sentimento e a emoção para compreendê-las da maneira correta. Conhecer é diferente de sentir. Esse controle aplicado sobre a sociedade se revela como outra premissa da distopia.

Ao precisarem de conselhos sobre algo, recorrem ao Doador, que usa seu conhecimento para ajudá-los. Não existem eleições para o poder e a função de todos dentro da sociedade é atribuída por esse governo. Outra função política que existe na sociedade é a da mãe de Jonas, que é a de “Diretora de Justiça”, ou seja, aquela que garante que as regras sejam obedecidas por todos.

A Anciã-Chefe está no topo do controle, seguida dos anciões e do Doador. O Doador tem papel fundamental nessa sociedade, pois seu conhecimento é utilizado para tomar decisões. Se de alguma forma ele mentisse sobre determinada memória, os anciões acreditariam nele e poderiam tomar uma decisão controversa.

Figura 7 – A Anciã-Chefe com os anciões sentados ao fundo



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

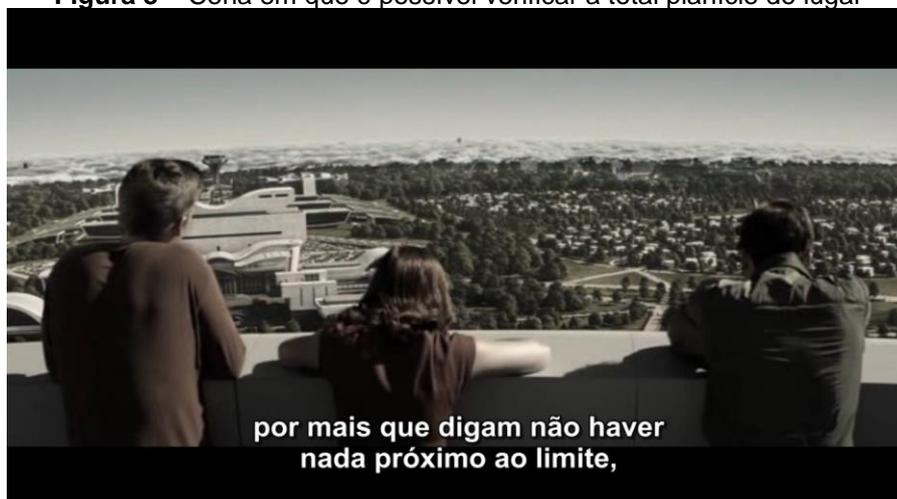
Aparentemente a sociedade se mostra muito bem organizada e administrada. Todas as ações estão sobre controle. Não existem indícios de fome, guerra, violência ou poluição. Mas até que ponto um governo com nenhum ou quase nenhum conhecimento de passado poderia tomar as decisões corretas? Ao que tudo indica, a ruína deste modelo parece estar sempre muito próxima, assim como o macroambiente em que ela está inserida também ruíu.

Um ponto interessante é a preocupação do governo com relação a sua comunidade, diferente das distopias antigas, nas quais o descaso era total. Parece aqui que o governo se preocupa e quer proteger os indivíduos demais.

2.2.2 Espaço Físico

O espaço físico do filme é um lugar plano, sem montanhas ou depressões, sendo percebida a grande preocupação com o planejamento de sua estrutura. O clima é controlado para que não haja neve ou tempestades. A ideia dessa uniformidade de clima e relevo se dá porque com o clima controlado, a produção agrícola estaria garantida assim como a facilidade de transporte.

Figura 8 – Cena em que é possível verificar a total planície do lugar



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

Em momento algum veem-se rios, apenas fontes e chafarizes. Pressupõe-se que a fauna foi extinta, porque em determinado momento do filme o Doador, ao passar algumas memórias a Jonas, relata que havia outras criaturas e logo a seguir é apresentada uma cena em que um elefante é caçado e morto.

Figura 9 - Quadros da cena onde o Doador fala sobre outras criaturas



Fonte: Extraído de "O Doador de Memórias"

A flora pode ser observada em vários momentos do filme, mas existe um porém: em uma das cenas vê-se um homem encaixando um galho em uma árvore, o que leva ao pensamento de que aquilo tudo é artificial. É interessante observar também que em momento algum se percebe algum traço de poluição ou lixo e que tudo é muito limpo e organizado. O espaço físico é um reflexo da maneira como a sociedade se imagina, limpa, organizada, em que tudo funciona de uma maneira pré-estabelecida.

Figura 10 - Personagem colocando galho em uma árvore



Fonte: Extraído de "O Doador de Memórias" (2014)

2.2.3 Economia

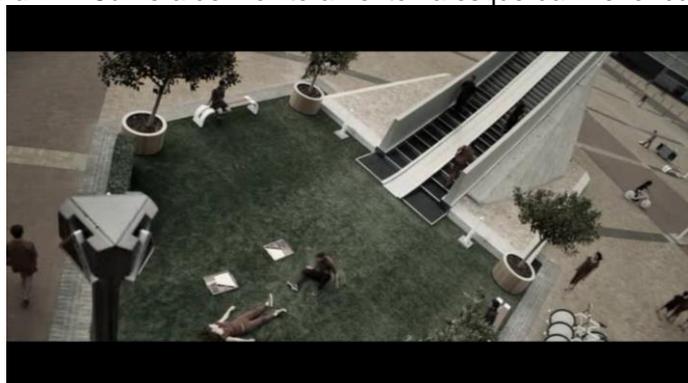
Como o governo supre todas as necessidades do povo, em relação a vestuário e alimentação, não existe uma moeda dentro dessa sociedade. Não existe pobreza ou riqueza, todos são iguais e recebem do Estado tudo aquilo de que precisam. Percebem-se aqui traços do comunismo utópico, que institui o conjunto das teorias que “afirmaram a necessidade da comunicação dos recursos e dos bens, às vezes dos próprios indivíduos (mulheres ou crianças) para construir uma sociedade justa” (DUROZOI; ROUSSEL, 1993, p. 97). Autores como Robert Owen, Charles Fourier e Saint-Simon “propunham a mudança social através da criação de comunidades rurais autossuficientes por voluntários. Estes autores não consideravam que a sociedade estaria dividida em classes sociais com interesses antagônicos” (apud PEREIRA, 2013, p. 33).

Assim a comunidade retratada no filme poderia encaixar-se nesse perfil, porque é um local autossuficiente, sem classes sociais aparentes e onde toda população divide os mesmos princípios. O comunismo é a utopia que orienta os pensamentos socialistas.

2.2.4 Tecnologia

O governo monitora constantemente com câmeras e drones a sociedade, para verificar se todos estão seguindo as regras estabelecidas. Esse monitoramento é uma característica recorrente nas histórias distópicas. A preocupação com o monitoramento mostra que aquele modelo funciona porque ninguém foge à regra, ninguém questiona e quem o faz, acaba sendo “reabilitado” e indo para “Alhures”. Em seu sentido literal, Alhures significa outro lugar, no filme, quando as pessoas iam para lá, na verdade estavam sendo mortas. O conceito de morte não era compreendido pelas pessoas, então para eles aquilo era uma transição. Assim, no filme O Doador de Memórias, observa-se o mesmo fato que acontecia no livro 1984, no qual quem pensava diferente era capturado e sumia.

Figura 11 - Câmera de monitoramento na esquerda inferior da cena



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

Não existem mais estradas, mas caminhos onde as pessoas andam de bicicletas. Os caminhos são determinados e fazem com que as pessoas sigam por onde foi estabelecido. Uma metáfora que reflete a própria sociedade. As habitações são tecnológicas, com portas

automatizadas e visuais modernos. Em uma cena de perseguição, os indivíduos comandados pela Anciã-Chefe utilizam motos elétricas, o que indica que nem todo o tipo de tecnologia estava presente ao indivíduo comum. Na cozinha os fogões e pias foram substituídos por uma espécie de forno automatizado que prepara a refeição. Como o conhecimento a respeito do passado não existe, as pessoas não têm conhecimentos culinários.

Figura 12 - Motos elétricas



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

As crianças são projetadas por geneticistas e nascem da barriga das “Mães-de-Nascimento”, que são as mulheres designadas para serem as barrigas de aluguel. Quando as situações parecem que vão fugir do controle da Anciã-Chefe, ela vai em busca do Doador para prendê-lo e mantê-lo sobre controle. Seus subordinados usam uma arma de choque para neutralizar o Doador. É interessante pensar na necessidade de armas dentro de uma sociedade dita como pacífica. O equivalente real pode ser observado em recente estudo da Universidade de Harvard², segundo o qual quanto maior o número de armas que uma nação tem, menor será a taxa de criminalidade, mas é muito provável que no filme apenas uma parte da população tenha acesso a esse tipo de arma.

Figura 13 - Forno automatizado à direita da imagem



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

² Disponível em: <http://www.theacru.org/harvard_study_gun_control_is_counterproductive/>. Acesso em: 01 out. 2015.

Outro ponto a ser considerado é a comunicação remota, pois a Anciã-Chefe pode estar dentro dos mais diversos locais conversando com os cidadãos. Assim o controle está em todos os lugares, para que o indivíduo jamais se esqueça dele.

Figura 14 - A Anciã-Chefe em comunicação remota



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

A tecnologia presente no filme parece ser mais avançada que a da sociedade contemporânea, no entanto, não muito distante. A comunicação remota apresentada no filme já existe, mas não de maneira tão real. Outros itens, como motocicletas elétricas e drones comandados a distância, estão tornando-se comuns ao indivíduo contemporâneo. A história parece não querer se distanciar muito daquilo que o espectador já está acostumado a ver em relação a isso.

É possível também se traçar paralelos com vários filmes distópicos, como *Soylent Green* (1973), no qual as pessoas pobres são envenenadas e processadas como alimento para a própria população. *Gattaca* (1997), que mostra a eugenia e suas possíveis consequências. O filme *A Ilha* (2005), em que os ricos criam clones, que depois são usados para repor partes do corpo das pessoas reais. Os regimes totalitários apresentados nos filmes compartilham a ideia de “se livrar” daquilo que não consideram adequado à sociedade. Os campos de concentração durante o Nazismo, de certa forma, fizeram o mesmo.

Figura 15 - Dois homens com armas de choque para neutralizar o Doador



Fonte: Extraído de “O Doador de Memórias” (2014)

2.2.5 Religião

Em uma sociedade sem memórias, sem conhecimento do passado, não haveria forma de haver uma religião ou algo superior em que se acreditasse. Mas a religião também não está presente porque quando o indivíduo acredita em algo ele se torna mais forte, mais determinado. Na religião o indivíduo se apoia em Deus para seguir em frente, para sonhar, para suportar a realidade. A religião poderia corromper o pensamento dos indivíduos pertencentes a essa realidade do filme e os fazer acreditar em algo totalmente diferente ou a buscar algo a mais. A cúpula dos anciões poderia perder o controle. (SPANIOL, 1989)

As pessoas não precisam de religião porque a sociedade fornece tudo aquilo que elas precisam. A morte sequer é compreendida e foi convertida para uma passagem para um lugar melhor.

2.2.6 Sociedade

A construção da sociedade é uma parte complexa e interessante do filme. Existem regras muito específicas que toda a sociedade deve cumprir que são: linguagem precisa, vestir somente as roupas fornecidas, tomar a medicação matinal, obedecer ao toque de recolher e nunca mentir. Outra premissa é a igualdade verídica, pois não existem sobrenomes, famosos ou perdedores, todos são iguais. A sociedade fabrica seus significados para moldar o pensamento.

Tal construção da sociedade é imposta ao indivíduo, que por medo de transgredir as regras ou de pensar sobre, não consegue desvencilhar-se. Em um momento do filme, Jonas diz que se sente diferente, pois via coisas que outras pessoas não viam, mas nunca falou nada a respeito, porque não queria ser diferente. Ser diferente era ruim.

Tudo é uniforme, a cor foi suprimida, assim como os sonhos, o amor, o conhecimento. Nessa sociedade apenas uma pessoa tem conhecimento do passado e, após determinado período, isso é passado para outra pessoa escolhida. Pessoas velhas e crianças que não nascem fortes o suficiente, são descartadas. As famílias foram abolidas e o que existe agora são unidades familiares. As crianças não sabem quem são seus pais e vão para unidades pré-estabelecidas. Não há sequer uma opção de escolha, pois, segundo a Anciã-Chefe, quando o humano tem essa possibilidade, ele escolhe errado.

Considerações Finais

A sociedade passa por transformações constantes e, muitas vezes, o indivíduo não se dá conta de tudo aquilo que está acontecendo ao seu redor. A distopia consegue distanciar-se e evidenciar, de certa forma, aquilo que ocorre ou pode ocorrer. A ficção sempre busca seu referencial na própria realidade. Por esse motivo, é importante analisar como a distopia é construída dentro dos universos ficcionais para que se possa compreender a própria sociedade contemporânea.

Nesse sentido, este trabalho buscou discutir de que forma a distopia busca seu referencial dentro da sociedade contemporânea. Acredita-se que o objetivo foi alcançado, pois a análise possibilitou investigar todo o universo ficcional do filme em questão e, assim, encontrar paralelos com a sociedade.

Não se supunha que o levantamento de elementos não significantes apontaria apenas para a construção do macroambiente e da temporalidade na narrativa. No entanto, perceber que estes elementos apontam para um ambiente maior (macro) do que aquele no qual a narrativa se passa, confirma o que Barthes (2004) propõe em suas discussões a respeito do efeito de realidade: o elemento pode parecer não significativo para o ambiente ou o momento da narrativa, mas isso não quer dizer que ele não tem função. Seu papel vai para além da descrição do ambiente; ela remonta a espaços não apresentados pela narrativa, mas que permitem justamente compreender que, para além da construção do microambiente, há de fato, um universo ficcional que permite o desenvolvimento de histórias sobre ele.

Tratando-se de um estudo ainda inicial, seria possível investigar as relações dessas funções, especialmente índices, a partir de uma análise estrutural da narrativa, a partir de olhares complementares do próprio Barthes e de outros autores como Genette, Eco e Greimas. Esta é uma possibilidade para pesquisas futuras, já que tais relações não foram explicitadas nesta investigação.

Portanto, como o modelo de análise baseado na estrutura de universos ficcionais ainda é novo e não possui muitas referências, a sua construção foi difícil. Seria interessante um maior aprofundamento dentro das premissas levantadas durante a análise e caberia, também, fazer a relação da construção desse universo ficcional com o de outros filmes. Dessa forma, o próximo passo seria construir um maior material de análise que relacione o universo ficcional distópico com a sociedade contemporânea.

Referências

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Atlas, 2004.

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Atlas, 1997.

_____. **A sociedade individualizada**. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. São Paulo: Zahar, 2005.

BERRIEL, C. E. O. Utopia, distopia e história. In: Editorial da **MORUS** – Utopia e Renascimento, v. 2, 2005, p. 4-10.

CHIAVANETO, I. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. São Paulo: Atlas, 2003.

- CORREA, J. G. **Distopia & Sensibilidade**. São Paulo: Atlas, 2009.
- DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1993.
- FERGUSON, K. **Stephen Hawking** – Aventuras de uma vida. São Paulo: Atlas, 2011.
- FIELD, S. **O manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- FROMM, E. Posfácio. In: **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GALEANO, E. **Las palabras andantes**. Barcelona: Siglo XXI, 1994.
- JAPIASÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de filosofia**. 4. Rio de Janeiro, 2006.
- KERSHAN, I. **Hitler: Um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Atlas, 2004.
- LÖWY, M. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUCHI, J. P. **A superação da filosofia da consciência em J. Habermas**. A questão do sujeito na formação da teoria comunicativa da sociedade. São Paulo: Atlas, 1999.
- MASSAUD, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Campus, 2004.
- MORIN, E. **Educar na era planetária**. São Paulo: Atlas, 2003.
- ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 1984.
- PAIVA, R. de C. S. **Gaston Bachelard: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia**. São Paulo: Atlas, 2005.
- PEREIRA, R. A. **Comunismo a sua história**. São Paulo: Atlas, 2013.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- REZENDE, L. A. de. **Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça**. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- RIBEIRO, J. C. **Ousar a utopia**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- RIBEIRO, J. P. **Gestalt-Terapia Refazendo um caminho**. 8. ed. São Paulo: Campus, 2012.
- SILVA, F. C. T; MEDEIROS, S.; VIANNA, A. M. **Enciclopédia de guerras e revoluções: 1901-1919: a época dos imperialismos e da grande guerra (1914-1919)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.
- SPANIOL, W. **Filosofia e método no segundo Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- TURNER, G. **Cinema como prática social**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

Anexo A – Filmografia Distopia na ficção

METRÓPOLIS. Direção: Fritz Lang. Produção: Erich Pommer. Berlim (DE): Universum Film (UFA), 1927, DVD.

MAD MAX. Direção: George Miller. Produção: Byron Kennedy. Sydney (AU): Kennedy Miller Productions, 1979, DVD.

JOGOS VORAZES. Direção: Gary Ross. Produção: Nina Jacobson e Jon Kilik. Hollywood (US): Color Force, 2012, DVD.

DIVERGENTE. Direção: Neil Burger. Produção: Lucy Fisher, Pouya Shabazian e Douglas Wick. Universal City/Los Angeles (US): Summit Entertainment e Red Wagon Entertainment, 2014, DVD.

O DOADOR DE MEMÓRIAS. Direção: Phillip Noyce. Produção: Neil Koenigsberg e Nikki Silver. Los Angeles (US): Walden Media, 2014, DVD.

Recebido em 18/02/2018

Aceito em 06/04/2018